



E agora, Sylvio? ▶ Você já abordou a Guerra do Contestado em ficção e documentário. Ainda pretende voltar ao tema?

Sylvio Back Completando uma não premeditada trilogia sobre a Guerra do Contestado (1912-1916), que começou no longa de ficção *A guerra dos Pelados* (1971), e à qual retornei em 2010 com o documentário *O Contestado – Restos mortais*, decidi pela realização de uma minissérie para TV intitulada *Contestado ao vivo*. Ora em produção e edição para ir ao ar em 2014, são 10 capítulos de 25 minutos cada, atualizando este que é o maior conflito armado pela posse e contra a usurpação da terra no século XX, sob a ótica e a temperatura do aqui e agora. A série retoma a indignação moral lançada em *O Contestado – Restos mortais*, em cujo corpo eu contradito o vezo idílico e romântico do meu próprio filme *A guerra dos Pelados*, de que a Guerra do Contestado, utópica na origem (sob a capa de um catolicismo rupestre, a luta dos caboclos pela terra e contra a presença do capital estrangeiro), acabou se transformando numa impensada revolta bélica de fundo e forma terroristas.

Como vê o panorama dos documentários brasileiros atualmente?

Sim, é truísmo afirmar que da quantidade nasceria qualidade. Infelizmente, ainda que cada vez mais frequente nas telas e telinhas, a fatura cinematográfica do documentário, com as raras e ralas exceções que confirmam a regra, carece de invenção, surpresa temática e ousadia autoral. Portanto, não é de admirar com que impunidade personagens e conteúdos são transportados e convertidos em algo que parece cinema, mas é, tão somente, um pastiche do pior jornalismo televisivo. Bastaria enunciar a enxurrada de filmes hagiográficos e/ou turísticos em cartaz, que elidem o contraditório para ungir os eleitos de santidade, e unívocos, os temas. Na verdade, cada vez mais hegemônico, trata-se do execrável cinema “chapa branca”, agenciado tanto pelo patrocínio, quanto pela própria subserviência moral dos seus fautores, munidos de olhar contaminado por *parti-pris* intelectual e/ou político-ideológico a serviço de ideias servís.

O que distingue seu filme sobre Graciliano Ramos da média das cinebiografias recentes?

Estou convicto de que o documentário deve mostrar cada vez menos, na contramão do que o facilitário do digital tem produzido a mancheias. Por não me considerar um documentarista *lato sensu*, *O universo Graciliano* é o que venho chancelando como antidoc, um cinema nitidamente desideologizado, a exemplo da maioria de meus docudramas (*mix* de doc & fic), que não procura fundar verdade alguma, nem levar o espectador pela mão. Ao contrário, quero deixá-lo desarvorado pelo estranhamento. Faço um cinema que desconfia. O melhor cinema de hoje (e de sempre, diga-se) se caracteriza por uma fuga à imagem reiterativa e da palavra ao léu. Nenhum personagem melhor do que Graciliano Ramos, ainda que já eu ensaiara tamanho “disparate” narrativo em *A babel da luz*, *Yndio do Brasil* e no recente *O Contestado – Restos mortais*. Com sua polêmica biografia pela primeira vez filmada, *O universo Graciliano* recria a aura vivencial do autor, incorporando recordações, história e obra, na ânsia de poder desvendar a alma do criador e suas múltiplas criaturas. Diante desses vestígios, que a oitiva de uma vintena de depoentes contemporâneos a ele escancara, há como que uma permanente sensação de “futuro do pretérito” nas imagens, falas e na própria “ausência” icônica do personagem, referência a algo que seria ou poderia ter acontecido. Como se o futuro do pretérito, tão caro à escritura de Graciliano em *Vidas secas* e em *Angústia* fosse ao mesmo tempo mantra e bênção.



Quais os seus próximos projetos além da minissérie?

Três projetos imbricam-se em fases diferentes para se tornarem realidade nos próximos dois anos: 1 – a ficção *A história é teimosa*, adaptação do meu conto-novela, *O filme da mente*, publicado no livro *Guerra do Brasil* (Topbooks, RJ, 2010), que discute os engenhos de como produzir um filme sobre a Guerra do Paraguai nos dias atuais; 2 – o docudrama *O glorioso alvinegro*, que, além de uma declaração de amor ao Botafogo, retrata ficcionalmente com nasceu essa minha paixão há exatamente 65 anos, em 1948, ano em que o Botafogo foi campeão carioca; 3 – concluo a reescritura do longa de ficção, *El Tigre Royal*, roteiro original de 1984 que teve censurado o financiamento pela Embrafilme por seu conteúdo político e erótico, e é um mergulho existencial e moral no cotidiano de um jornalista almejando liberdade entre os acenos da luta armada e as ameaças da ditadura militar. Finalmente, haja vista a condição, digamos, anfíbia, de cineasta e poeta (11 títulos publicados), cuja mais notória faceta do meu fabro é o poema de extrato fesceninino, encontra-se no prelo da Topbooks, para lançamento até o fim deste ano, *Quermesse*, que é a obra reunida nesse registro, trazendo os livros anteriores: *O caderno erótico de Sylvio Back* (1986), *A vinha do desejo* (1994), *boudoir* (1999) e *As mulheres gozam pelo ouvido* (2007). Com os 56 inéditos de *Quermesse*, o florilégio engloba quase 250 poemas.

Os filmes-faróis de Sylvio Back

1. **Apocalypse now** (1979), de Francis Ford Coppola
Brilhante simbiose entre história, militarismo, reflexão e poesia: talvez o maior filme de guerra de todos os tempos. Obra limite e premonitória.
2. **Corações e mentes** (1974), de Peter Davis
A melhor síntese entre cinema e jornalismo jamais realizada. E inigualável como libelo sobre o horror à guerra.



A guerra dos pelados



3. **Cantando na chuva** (1952), de Stanley Donen e Gene Kelly
A cultura dos Estados Unidos em estado bruto e lapidado, ao mesmo tempo: uma obra-prima do filme musical e sobre o cinema de Hollywood e seu *star system*.

4. **Hitler, um filme da Alemanha** (1977), de Hans-Jürgen Syberberg
Original *mix* entre cinema, rádio, música, teatro, marionetes, sem narrador, o doc desvela as raízes ideológicas e estéticas do nazi-fascismo. Exemplar único e seminal do cinema de colagem/bricolagem.

5. **É tudo verdade** (1942), de Orson Welles
Depois deste tristemente belo *It's all true*, filme selvagem, mas cheio de inocência e humanidade, Welles nunca mais foi o mesmo. Mas ali deitou as sementes do moderno cinema brasileiro.

6. **A doce vida** (1960), de Federico Fellini
Notável baixo-relevo de uma crise existencial. Um angustiante *road movie* moral, com nítida conotação autobiográfica, através da solidão e da náusea do homem moderno.

7. **Le chagrin et la pitié** (1970), de Marcel Ophüls
Polêmico filme que põe de joelhos uma nação inteira: antológica expiação pública através dos mil olhos e vozes do cinema.

8. **Morangos silvestres** (1957), de Ingmar Bergman
Sobrepondo memória, sonhos, volições, a fugacidade do aqui e do agora, o filme é de uma força dramática e imagética única. Além de magistral como mergulho na antessala da morte.

9. **Noite e neblina** (1955), de Alain Resnais
Toda a genialidade que Resnais acaba revelando depois na ficção (em *Hiroshima meu amor* e *O ano passado em Marienbad*) nasce com esta brilhante, ainda que cruel, metáfora sobre o esquecimento.

10. **O império dos sentidos** (1976), de Nagisa Oshima
As sapequices de Eros flagradas na mais alta amperagem visual da história do cinema. Um filme deflagrador pela ousadia temática, sensualidade explícita e por sua coragem ética.

O império dos sentidos